

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
NÚCLEO DE PSICOLOGIA CLÍNICA - PSICLIN

PROJETO DE EXTENSÃO

Atendimento Psicoterapêutico no SAPSI na Perspectiva Existencialista

Prof^a Dr^a Daniela Ribeiro Schneider

Abril 2002

PROJETO DE EXTENSÃO

Atendimento Psicoterapêutico no SAPSI na Perspectiva Existencialista

Professor responsável: Dr^a Daniela Ribeiro Schneider

Local de implementação: Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) – PSI - CFH

Horas alocadas para a atividade: 10 horas

Início: abril de 2002

Duração: 2 anos

Objetivo Geral: Prestar serviço psicoterapêutico no SAPSI, na perspectiva científica e interdisciplinar oferecida pela psicologia existencialista, contribuindo na atenção a sua demanda de atendimento;

Objetivos específicos:

- Contribuir no atendimento à demanda de atividades psicoterapêuticas de adolescentes e adultos, no SAPSI;
- Enriquecer, a partir da experiência de atendimento psicoterapêutico, as atividades de ensino e de pesquisa, no sentido de uma prática que retroalimente a teoria e metodologia;
- Implementar atividades práticas que contribuam na construção de um núcleo de pesquisa e intervenção em atividades psicológicas e psicoterapêuticas na perspectiva científica e interdisciplinar oferecida pela psicologia existencialista.

Atividades:

1. Atendimento psicoterapêutico de adolescentes e adultos no SAPSI;
2. Preparação teórico-metodológica dos casos trabalhados;
3. Acompanhamento de clientes para consultas a outros especialistas, quando necessário, viabilizando a atuação interdisciplinar;
4. Organização de grupo de estudo de aspectos teórico-metodológicos da psicologia científica existencialista oferecido para estagiários e interessados;
5. Participação em grupo interdisciplinar de estudos de casos clínicos do NUCA (Núcleo Castor – Estudos e Atividades em Existencialismo);
6. Supervisão de estágios extra-curriculares;
7. Participação nas reuniões de equipe do SAPSI;

Justificativa:

CONSIDERANDO:

- 1) Que o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) do Departamento de Psicologia da UFSC é um espaço que há vinte e cinco (25) anos vem prestando serviços à comunidade florianopolitana. Destinado à realização de estágios que viabilizam a formação dos psicólogos, bem como à produção de atividades de pesquisa e extensão por parte dos professores do Departamento de Psicologia, realiza um importante trabalho junto à comunidade local ao oferecer um serviço público e gratuito, composto por um conjunto de atividades na área da psicologia, tais como: psicoterapias em diferentes formas e abordagens, orientação profissional, assessoria a grupos de terceira idade, entre outras;
- 2) Que o SAPSI contava, em março de 2002, com uma psicóloga contratada e mais sete professores do Departamento de Psicologia que ali realizavam atividades de pesquisa e/ou extensão e supervisão de estágio, além de mais de três dezenas de estagiários. Apesar desse conjunto significativo de profissionais e estudantes que prestam serviços à comunidade através do SAPSI, ainda assim a sua demanda de atendimento psicológico era maior do que a oferta de serviços, o que vinha acarretando uma grande fila de espera, fazendo com que muitos pacientes, após quase um ano de espera, desistissem do atendimento, ou tivessem alterado ou agravado a queixa inicial. Especialmente no final de 2001 essa fila aumentou sobremaneira em função da greve de professores e funcionários, quando os atendimentos do SAPSI foram interrompidos;
- 3) A necessidade de a psicologia clínica consolidar-se como uma prática cientificamente sustentada, coerente com os avanços da ciência hodierna, sustentada através de uma intervenção interdisciplinar, o que viabiliza a qualidade dos serviços prestados à comunidade atendida, possibilidade esta que se encontra viabilizada pela psicologia existencialista, teoria e metodologia até então não implementada no SAPSI;

PROPOMOS o presente projeto de atendimento psicoterapêutico para adolescentes e adultos no SAPSI, na perspectiva científica e interdisciplinar da psicologia existencialista, como uma forma de contribuir na atenção à sua demanda, auxiliando na agilização dos serviços prestados à comunidade e na diminuição de sua fila de espera deste serviço-escola.

Fundamentação Teórica¹

Psicologia e Clínica Psicológica – a contribuição de Jean-Paul Sartre

Tendo clareza da importância do saber psicológico na modernidade, influenciado pela fenomenologia de Husserl, que era um crítico contumaz do psicologismo dominante no final do século XIX, Jean-Paul Sartre (1905-1980) começou suas incursões teóricas formulando proposições no campo da psicologia. Voltou-se, porém, à filosofia (ontologia) pela necessidade técnica de melhor fundamentar seus estudos da psicologia. Sendo assim, esse intelectual, mais conhecido pelo seu perfil de filósofo, foi também um pesquisador sistemático da psicologia, sendo que sua obra técnica inscreve-se, boa parte dela, nesse campo. No entanto, essa perspectiva é pouco conhecida ou discutida, ou ainda, sua obra é traduzida como tendo, principalmente, um cunho filosófico, o que não é inverídico, mas não é sua total abrangência. Poder-se-ia quase afirmar que a filosofia sartriana foi o meio, o fio condutor de boa parte de suas elaborações psicológicas, posição perfeitamente compatível com o objeto central de toda a sua obra – o homem concreto. Entre os psicólogos mesmo, a psicologia de Sartre, em seu conjunto, é desconhecida e pouco valorizada; estudam nele certas temáticas, como a noção de projeto, de liberdade, etc, entendidas mais como contribuições filosóficas de Sartre à área. Poucos, porém, compreendem sua relevância na problematização da disciplina psicológica. Essa relevância encontra-se na exposição de uma psicologia em moldes totalmente diversos dos até então existentes, ao propor a superação de uma série de dificuldades e impasses presentes no âmago das formulações da psicologia empírica e da psicanálise freudiana, conforme detalharemos oportunamente nestas reflexões.

Sendo assim, o projeto fundamental do trabalho de Sartre foi reformular a psicologia, realizando-o em moldes totalmente diferentes daqueles do empirismo e da metafísica, perspectivas que determinaram a constituição dessa disciplina até aquele momento histórico, por ele duramente criticados, conforme já foi demonstrado pelas dissertações de Bertolino (1979) e Moutinho (1995).

¹ Fundamentação teórica baseada na tese de doutorado da própria autora – Daniela R. Schneider. (op. cit.).

Sartre, além de reformular a teoria psicológica, propõe uma metodologia específica de investigação da realidade humana. Sua “psicanálise existencial” - proposta do existencialista como sendo uma metodologia fenomenológico-existencialista - teve seus prenúncios em certas biografias por ele realizadas (Baudelaire, Genet, Flaubert), as quais formalizam o percurso de sua teoria em direção à prática. Nelas podemos vislumbrar a aplicação da metodologia de investigação de fenômenos psicológicos, que permitem vislumbrar perspectivas críticas para a clínica psicológica, oferecendo possibilidades consistentes de construção de uma psicologia científica, coerente com os avanços da ciência do final do século XX.

Ciência e Psicologia: apontamentos do existencialismo sartriano

A clínica psicológica para ter consistência técnica e teórica necessita sustentar-se na perspectiva científica, que deve lhe servir de horizonte na pesquisa e prática psicoterapêutica, pois somente assim temos segurança de nossas investigações e intervenções e, com isso, garantimos nosso compromisso ético com nossos pacientes. Sendo assim, para fundamentar uma proposta de clínica psicológica devemos começar esclarecendo a relação entre ciência e psicologia.

No *Esboço de uma Teoria das Emoções*, Sartre traça sua perspectiva de ciência, ao realizar uma crítica à pretensão “pseudo-científica” da psicologia empírica. O empirismo surgido como modelo da ciência clássica, em torno do século XVII, em que um dos livros inaugurais foi o “Novo Organon” de Francis Bacon, marcava a necessidade da produção de conhecimentos a partir da “experiência”, e não mais de especulações racionais, além de estabelecer como recurso único os “fatos” e não mais o sujeito, como fazia o racionalismo, modelo ao qual se opunha. O empirismo, na medida em que descobriu o valor da descrição dos fatos e dados, assumiu uma lógica classificatória, que o caracterizou. Representou um passo importante em direção à objetividade, mas não o suficiente para garantir a rigorosidade no esclarecimento das regularidades da realidade natural e humana. Dessa forma, a ciência moderna, a partir do século XIX, estabeleceu um processo de rompimento com o modelo empírico, realizando o que se poderia definir como um corte epistemológico, como Foucault (1987) exemplificou na Medicina, em *O Nascimento da Clínica*, instaurando, enfim, o modelo experimental e os fundamentos da Ciência.

O existencialista, influenciado pelas “Investigações” de Husserl, será um crítico ferrenho do empirismo e da psicologia empírica, disciplina que será objeto de seus estudos iniciais e alvo de suas críticas, como veremos logo adiante. A ênfase na investigação de fatos isolados, sistematizando uma coleção de “dados heteróclitos” acerca de seu objeto de estudo, inviabiliza a psicologia como ciência, diz o existencialista.

O que, então, Sartre entende por ciência?

“As ciências da natureza não visam conhecer o mundo, mas sim **as condições de possibilidade de certos fenômenos de ordem geral**”, afirma Sartre (1938: 13), demarcando a diferença entre o papel da filosofia (conhecer o mundo) e o da ciência. Mas e o que são “condições de possibilidades”? São aqueles fatores sem os quais o fenômeno não ocorreria, quer dizer, são as variáveis que determinam que o fenômeno se estabeleça, se desenvolva da forma como deve ser (Bertolino, 2001A). Uma tempestade de verão, por exemplo, para ocorrer depende de certas condições de temperatura e de pressão atmosférica, sem as quais ela não acontece. A ciência meteorológica deve conhecer essas condições, para poder prever as tempestades. A depressão, para falar de um fenômeno psicológico, depende de o sujeito experimentar-se impedido de se lançar em direção ao futuro, ou seja, seu projeto e seu desejo de ser devem estar, por alguma razão, cortados, inviabilizados. Essas são as condições de possibilidade de ocorrência da patologia denominada depressão. Se a situação não estiver implicando os fatores acima descritos, então a pessoa estará vivendo um outro tipo de emoção, uma tristeza passiva, por exemplo, onde chora muito, tranca-se no quarto, etc, mas, por mais semelhanças que existam, não apresenta as características de um quadro depressivo, conforme Sartre esclarece em seu *Esboço de uma Teoria das Emoções*, e, portanto, a intervenção terapêutica no processo deve ser diferenciada.

Em oposição ao empirismo e ao psicologismo, a fenomenologia faz o estudo dos “fenômenos”, e não dos fatos. Entende por fenômeno “*aquilo que se denuncia a si mesmo, aquilo cuja realidade é precisamente a aparência*” (Sartre, 1938: 22). Vale lembrar, como podemos verificar na ontologia sartriana, que *o ser do existente não é algo por detrás da aparência*; esta, na verdade, o revela; é o próprio ser. Existir, para Husserl, “*é aparecer a si próprio*” (Ibid.). Portanto, é a aparência, ou seja, é o próprio fenômeno que deve ser descrito e interrogado.

Os fenômenos, conforme esclarece Sartre (1960) em seu *Questão de Método*, não são jamais aparições isoladas, produzem-se sempre em conjunto. Dessa forma, fenômeno é entendido como o conjunto de ocorrências objetivas, articuladas entre si, transcendentais ao sujeito que investiga (Bertolino, 2001A). É preciso, pois, como em Marx, fazer uso do “espírito sintético”, a fim de poder apreendê-los em seu contexto e em seu conjunto. Sendo assim, a ciência deve estudar “*a situação em particular no quadro de um sistema geral em evolução*”. Sua função é fornecer “*...a cada acontecimento, além de uma significação particular, um papel de revelação: (...) cada fato uma vez estabelecido é interrogado e decifrado como parte de um todo*” (Sartre, 1960: 27). Essa perspectiva revela a importância da concepção do dado como um fenômeno singular-universal. Ainda no *Questão de Método*, o existencialista reforça que a ciência deve “situar” os fenômenos que investiga, ou seja, deve determinar o lugar real do fato no processo total em que está inserido. Isso significa que o contexto que envolve o fenômeno é objeto primordial de análise.

O existencialista propõe, para dar conta dessa necessidade de contextualização que o próprio fenômeno singular/universal está a exigir, um método dialético, baseado nas reflexões do marxista Henry Lefebvre, ao qual denomina de “método progressivo-regressivo”. “*Seu primeiro cuidado é recolocar o homem em seu contexto*”, explica, ao atestar que seu movimento de investigação é progressivo e regressivo ao mesmo tempo: “*Ele não terá outro meio senão o vai-e-vem: determinará progressivamente a biografia (por exemplo) aprofundando a época e a época aprofundando a biografia*” (Sartre, 1960: 87). Realiza, portanto, um movimento contínuo entre a singularidade e a universalidade. O método dialético recusa reduzir os fenômenos a fatos isolados; ele supera as situações, conservando as aquisições antigas e realizando novas sínteses. Dessa forma, a problematização da ciência deve ser feita em termos dialéticos: a elaboração da equação em torno dos fenômenos investigados deve ser pensada enquanto tese, antítese, síntese, como Sartre nos deixa claro em sua *Crítica da Razão Dialética*.

Essas são as bases para a crítica de Sartre ao idealismo, que não satisfaz ao existencialismo porque não tira seus conceitos da observação direta da realidade, mas de um ‘a priori’, em que eles já vêm formados, como “*esquemas constitutivos*”, enquadrando-os em “*moldes pré-fabricados*”. Essa crítica ao idealismo é o fundamento de suas principais ressalvas à psicanálise e seu determinismo, bem como à psicologia do

ajustamento. Sartre reafirma que é preciso ir às coisas mesmas, abandonar os pressupostos e preconceitos, como preconiza a fenomenologia. Aliás, em *A Imaginação*, ele marca a importância de que *“o método mesmo da fenomenologia possa servir de modelo aos psicólogos”* (Sartre, 1987A: 97).

Sendo assim, a ciência depende do sujeito, na medida exata em que é preciso uma consciência constituinte para produzir o conhecimento, mas este, no entanto, não deve ser pautado sobre as “idéias” de quem pesquisa, mas deve ser rigorosamente sustentado no próprio fenômeno, ou seja, no objeto com suas propriedades materiais. Sartre põe em questão, assim, o papel do sujeito da pesquisa, assinalando que *“a única teoria do conhecimento que pode ser hoje em dia válida é aquela que funda sobre esta verdade da microfísica: o experimentador faz parte do sistema experimental. É a única que permite descartar toda a ilusão idealista, a única que mostra o homem real no meio do mundo real”* (SARTRE, 1960: 30). Significa, portanto, que não podemos esquecer a proximidade absoluta entre o inquiridor e o inquirido – como Heidegger já havia chamado atenção– ou seja, é preciso levar em conta o fato privilegiado de que a realidade humana consiste em nós próprios. Esta tomada de consciência é pautada sobre o modo de ser compreensivo, que não é uma atitude exterior, mas é a própria maneira do homem existir.

Desta forma, para captar o sentido da conduta humana, diz Sartre, é preciso dispor daquilo que os psiquiatras e filósofos alemães, Jaspers e Heidegger por exemplo, chamam de compreensão. *“Este conhecimento é simplesmente o movimento dialético que explica o ato por sua significação terminal a partir de suas condições de partida”* (Sartre, 1960: 96). O processo de desenvolvimento dialético das investigações dos fenômenos deve resultar, portanto, na sua compreensão, ou seja, em uma “totalização” resultante de um movimento sintético, como acima já havíamos assinalado. A compreensão é originalmente progressiva (em direção ao resultado objetivo) para, logo em seguida, voltar a ser regressiva (retomada da situação original). Assim, a síntese compreensiva pauta-se na investigação do fenômeno em suas múltiplas dimensões, procurando alcançar o homem concreto, no mundo, como ser psicofísico. O fundamento para chegar à compreensão é a concepção de que o indivíduo se encontra inteiro em todas as suas manifestações, portanto, a partir de qualquer ato, de qualquer aspecto vivido pelo sujeito, é possível chegar a sua significação ou, ao seu projeto

originário, como detalharemos mais adiante. A compreensão deve revelar, assim, “*a profundidade do vivido*” (Ibid.).

Fazer ciência é, portanto, conhecer as condições de possibilidade dos fenômenos, compreendendo-os em seu contexto. Com base nesse conhecimento, que é generalizável, já que pautado no aspecto singular/universal do objeto e na realização da síntese das diversas variáveis levantadas, criam-se condições para se interferir com segurança nas situações. Esse é o objetivo maior da ciência: intervir com segurança na realidade, para poder alterá-la no que se fizer necessário. O conhecimento objetivo deve nascer, portanto, da práxis e a ela retornar para esclarecê-la (Sartre, 1960). Assim, não deve haver teoria sem prática, nem prática sem teoria. Esse processo não se dá “*ao acaso e sem regras*”, mas como em todas as disciplinas, segue os princípios norteadores do fazer científico. Se assim não fora, argumenta Sartre, “*à separação da teoria e da prática teria por resultado transformar esta em um empirismo sem princípio e, aquela, em um saber puro e fixo*” (Ibid.: 25). Portanto, não basta estudar o fenômeno, é preciso transformá-lo. A ciência não pode ficar somente na investigação, é preciso ir para a intervenção (Bertolino, 2001A).

Sartre (1960) assevera que a ciência deve ser “*heurística*”, ou seja, sua pesquisa, seus princípios e seu saber devem aparecer como reguladores na produção do conhecimento e na resolução de problemáticas.

O que seria preciso, portanto, para fazer ciência em psicologia e não cair no empirismo que a domina, questiona Sartre? Seria preciso estudar as condições de possibilidades dos fenômenos psicológicos (as emoções, por exemplo), “*.. ou seja, questionar-se se a própria estrutura da realidade humana torna possível as emoções e como é que as torna possíveis*. Tal perspectiva pareceria aos olhos dos psicólogos clássicos “*uma inutilidade e um absurdo*”, acostumados que estão à ênfase na sistematização de dados esparsos, sem interrogá-los mais a fundo. (Sartre, 1938: 14). É preciso destacar que os fenômenos psicológicos têm sua essência, suas estruturas particulares, sua leis de aparição, seu significado; são uma forma organizada de existência humana e, portanto, não poderiam provir de fora da realidade humana, nem serem estruturas sustentadas em si mesmas. Sendo assim, é preciso primeiro questionar essa realidade humana, situá-la enquanto embasamento antropológico para o saber da psicologia, para então investigar os fenômenos psicológicos. Diz Sartre que “*.. a psicologia encarada como ciência de certos*

fatos humanos não pode ser um começo porque os fatos psíquicos que encontramos nunca são os primeiros” (Ibid.:18); antes temos que definir, portanto, o que é a realidade (ontologia) e o que é o homem (antropologia), enquanto conceitos que lhe subjazem. O existencialismo, dessa forma, encontra-se em uma situação inversa à dos psicólogos clássicos, pois *“parte da totalidade sintética que é o homem e estabelece a essência deste, antes de ensaiar os primeiros passos na psicologia”* (Ibid.: 22). Não que Sartre confunda a tarefa da ontologia com a da ciência. Na verdade, delimita muito claramente suas diferentes funções. Afirma, no entanto, que uma ciência que não esclareça seus fundamentos não tem como ter segurança de suas realizações.

O existencialista esclarece, ainda, como fez a fenomenologia husserliana, que se o estudioso começar suas investigações pelos fatos, nunca chegará às essências, pois aqueles são elementos isolados, dados singulares, que não permitem uma síntese compreensiva. O que afirma é que existe uma *“incomensurabilidade entre essências e fatos”* (Ibid.: 16). Acrescenta ainda que o método fenomenológico, *“sem renunciar à idéia de experiência (o princípio da fenomenologia é de ‘ir às coisas mesmas’ e a base de seu método é a intuição eidética), necessita flexibilizá-la e dar lugar à experiência das essências e dos valores”*. (Ibid.:17). Porém, esclarece Moutinho (1995: 100), com muita propriedade, que *‘Sartre insiste em que uma interrogação fenomenológica do psíquico deve apenas preceder, e não substituir, uma psicologia experimental’*.

Essa interrogação deve ser levada a cabo, já que o primeiro passo de uma ciência é, sempre, definir seu objeto, ou ainda, dissecar a sua “essência”, ou seja, detectar as características e os aspectos que fazem com que um fenômeno seja o que ele é e não outra coisa. Saber definir e delimitar o fenômeno investigado, diferenciando-o de outros, é o primeiro passo primordial da ciência. E o que é definir um objeto? É recortá-lo em um conjunto singular/universal, inserir o específico num conjunto, organizá-lo em um universo, definir regularidades que levam às generalizações, para então poder estabelecer previsões e predições. Essa é a base para se realizarem intervenções sob controle. Sem isso, o conhecimento científico inviabiliza-se (Bertolino, 2001A). Dessa forma, o que a ciência deve realizar em primeiro lugar é a demarcação e a definição precisa de seu objeto, pois, sem isso, anda às cegas.

Este é, justamente, um dos maiores problemas epistemológicos da psicologia: a indefinição de seu objeto, que leva à “dispersão do saber”, e a diversidade metodológica e teórica que a caracterizam. A psicologia perde-se ao legitimar a “multiplicidade epistemológica” como o seu maior trunfo e, assim, não seguir o princípio primeiro da ciência - a necessidade de definição e demarcação precisa do seu objeto. É o que podemos verificar, por exemplo, no caso do diagnóstico em psicologia clínica: por não ter bem definido o que é uma personalidade, nem quais as suas possibilidades de patologização, pautando-se geralmente em nosologias psiquiátricas que descrevem um infindável número de sintomas (fatos isolados), sem uma síntese eficiente acerca dos problemas psicológicos, acaba por não ter precisão nos diagnósticos. Há estudos que demonstram que se um mesmo cliente freqüentar diferentes psicólogos, receberá tantos diagnósticos quanto psicólogos consultar².

Esclarecida as bases da ciência para Sartre temos condições de descrever e buscar o entendimento da metodologia psicoterapêutica na psicologia existencialista.

Psicologia Clínica e Ciência – caminhos metodológicos

Como vimos acima, a tarefa da ciência, para Sartre, é esclarecer as condições de possibilidade de certos fenômenos de ordem geral, ou seja, é esclarecer os fatores sem os quais o fenômeno estudado não ocorreria, ou ainda, as variáveis que interferem para que ele se desenvolva da forma como deve ser. Sendo assim, a ciência deve estudar a situação em particular no quadro de um sistema geral em evolução, ou seja, deve situar o fenômeno específico em seu contexto mais geral. O objetivo maior da ciência é, sustentado nesse rigoroso conhecimento produzido, poder intervir com segurança na realidade, para alterá-la no que se fizer necessário. Por exemplo, nada mais óbvio que um diagnóstico preciso em medicina, obtido a partir do exame clínico, confirmado por testes de laboratório (perspectiva anátomo-clínica), ser o dispositivo que permite uma intervenção médica segura.

A tarefa da ciência da psicologia deve ser, portanto, investigar as condições de possibilidades de fenômenos de ordem psicológica, considerando-os em suas essências

² Thomas SZASZ descreve estudos semelhantes sobre a imprecisão do “diagnóstico psiquiátrico” em seu

específicas, suas estruturas particulares, seus significados. Isso permitiria definir certas regularidades da realidade psíquica que oportunizam um conhecimento que dê conta, ao mesmo tempo, do fenômeno em sua dimensão singular e universal.

Sendo assim, a psicologia clínica, cujo objeto é a elucidação da personalidade, para ser científica, em sua teoria, em seu método e em seus procedimentos, deve investigar quais as condições de possibilidade para um sujeito chegar a ser quem ele é, ou seja, como chegou a ter determinada personalidade, constituída a partir de um projeto de ser específico. Deverá, também, poder especificar as variáveis que ocorreram no movimento da pessoa na sua vida de relações, isto é, esclarecer o seu processo de totalização/ destotalização/ retotalização. À luz da compreensão desse conjunto de fenômenos, torna-se possível levantar as variáveis que contribuíram para o surgimento das complicações psicológicas ou da psicopatologia. De posse desses dados, o clínico terá condições de elaborar uma compreensão minuciosa da dimensão psicológica do paciente, o que vai permitir uma intervenção realizada com rigor e segurança, já que o terapeuta contará com os elementos necessários para definir as variáveis envolvidas na problemática do cliente e que devem ser trabalhadas em primeiro lugar, para poder, igualmente, prever as conseqüências da intervenção, etc. Esses procedimentos científicos possibilitam, inclusive, a avaliação do processo interventivo, ao viabilizar uma crítica de resultados.

Eis o horizonte epistemológico de uma psicologia clínica que pretenda seguir as acepções sartrianas.

Sartre explicita claramente seu método para a investigação da realidade psíquica, no capítulo de *O Ser e o Nada* intitulado “Psicanálise Existencial”, complementando-o em seu *Questão de Método*, como já discutimos detalhadamente em outros capítulos.

O objetivo da psicanálise sartriana é decifrar o nexos existente entre os diversos comportamentos, gostos, gestos, emoções, raciocínios do sujeito concreto, ao extrair o significado que salta de cada um destes aspectos em direção a um fim. É esse nexos que define o sentido da vida de alguém, que explica os caminhos tranquilos ou sofridos que ele tomou para realizar seu ser. Isto quer dizer que a psicanálise existencial deve decifrar o “projeto de ser” de cada indivíduo estudado, pois é ele que define o que são e para onde se encaminham os diferentes movimentos de uma pessoa no mundo.

O ponto de partida da investigação devem ser os aspectos concretos da vida de um sujeito, ou seja, os fenômenos de sua vida de relações, de homem em situação. Aqui delinea-se o método sartriano: por um lado, ele é comparativo, ou seja, estabelece ligações entre os diversos aspectos que presidem a vida de um sujeito, procurando atingir o projeto original que dá sentido ao conjunto; é, nesse sentido, um método *compreensivo* ou sintético, já que pretende chegar “à intuição do psíquico, atingida por dentro”, como diria Jaspers (1979). Por outro, ele deve ser progressivo e regressivo, como vimos no *Questão de Método*, ou seja, deve situar os aspectos objetivos (época, cultura, sociedade, nível social, estrutura familiar, etc.), que definem os contornos de ser de um sujeito concreto, reenviando-os ao mesmo tempo, à sua subjetividade, a fim de se compreender a apropriação peculiar desses aspectos mais universais. A expressão da pessoa em gestos, atos, palavras, obras, devem ter, assim, sua dimensão subjetiva e objetiva. O sujeito é um singular/universal, pois ao mesmo tempo que é idiossincrático, ele é resultante de seu tempo, de sua cultura e, portanto, uma ponte para compreendê-los.

A concepção de homem que subjaz na teoria sartriana é histórica e dialética, segundo a qual, o sujeito só pode ser compreendido levando-se em conta sua história individual, tanto quanto a de sua conjuntura familiar e a de seu contexto social e cultural, tendo como fundo de sustentação a noção que “ele se faz e é feito” no/por esse conjunto de fatores. Toda a psicologia existencialista, que se pauta nessa antropologia, serve de embasamento teórico para a concretização de sua psicanálise existencial.

Com base em seu método e suas concepções teóricas, a psicanálise sartriana, ao atingir a compreensão desta unificação irreduzível – o projeto, possibilita o entendimento dos diversos aspectos do psiquismo do sujeito, seu movimento no mundo, bem com suas contradições de ser, seus impasses sociais, sociológicos e psicológicos que podem levar, conforme as circunstâncias, à constituição de complicações psicológicas, e mesmo da loucura. Essa compreensão psicológica é, portanto, etapa essencial de uma intervenção clínica.

Sendo assim, a psicanálise existencial coloca-se como o método necessário para a concretização de uma psicologia clínica científica. A estratégia por ele utilizada, a partir de seus delineamentos teórico-metodológicos, em vistas à viabilização de sua psicanálise, foi o da elaboração de biografias, por possibilitarem uma “compreensão rigorosa do ser dos seus

biografados”, ou seja, esclarecerem o processo de suas personalizações, em suas dimensões objetivas e subjetivas, chegando ao projeto e ao desejo de ser, que são o “combustível” dos fenômenos psicológicos e da história de vida de cada sujeito.

Qualquer processo psicoterapêutico só vai encontrar solução na medida em que possibilitar ao paciente converter-se em sujeito de sua própria história, de seu ser, para assim adquirir condições de se tornar um sujeito social íntegro, ciente de também ser sujeito da história social, de sua cidadania. Esse deve ser o caminho da clínica: viabilizar o homem enquanto sujeito. Qual é a tarefa da psicoterapia? Justamente é a de colocar o ser da pessoa em suas próprias mãos, na medida em que isso o viabilizará como sujeito.

Dessa forma, a “cura” em uma psicologia clínica sartriana só é possível pela condição de o paciente superar a situação em que está submetido e poder fazer alguma coisa daquilo que os outros fizeram dele. “Curar” é transcender os problemas e colocar a resolução de questão ontológica do paciente dentro de novos parâmetros, em que seu projeto e desejo de ser sejam viabilizados. A cura, em uma perspectiva sartriana, nunca poderia ser, portanto, uma conformação ao que o paciente é, um assumir-se a si mesmo, uma aceitação de si, um auto-conhecimento, uma adaptação às circunstâncias sociais. A psicoterapia existencialista sartriana só faz sentido se possibilitar ao homem o seu estatuto de sujeito, se realizá-lo enquanto liberdade, se não contribuir para a produção de um sujeito alienado, mas se lhe proporcionar o verdadeiro direito de cidadania. A psicanálise existencial de Sartre fornece uma teoria e uma metodologia fundamentais para se pensar a psicologia clínica em novos moldes.

Referências Bibliográficas

- BERTOLINO, Pedro (1979). *Sartre: Ontologia e Valores*. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: PUC/RS. (mimeo).
- _____ (2001A). Subsídios das aulas de Formação em Psicologia Existencialista, oferecida pelo NUCA (Núcleo Castor- Estudos e Atividades em Existencialismo). Fpolis. (mimeo).
- BERTOLINO, Pedro et al. (1996A). *A Personalidade*. Florianópolis: Nuca Ed. Independentes (Cadernos de Formação; 1).
- _____ (1998). *As Emoções*. Florianópolis: Nuca Ed. Independentes (Cadernos de Form; 2).
- _____ (2001) *O Imaginário*. Florianópolis: Nuca Ed. Independentes (Cadernos de Form; 3).
- DESCARTES, Réne. (1987). *Discurso do Método*. 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural.
- FOUCAULT, Michel (1987). *O Nascimento da Clínica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- JASPERS, K. (1979) *Psicopatologia Geral: psicologia compreensiva, explicativa e fenomenologia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu.
- LAING, R. & COOPER, D (1982). *Razão e Violência: uma década da filosofia de Sartre (1950-1960)*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes.
- MOUTINHO, L. (1995). *Sartre: Psicologia e Fenomenologia*. São Paulo: Brasiliense.
- SARTRE, Jean-Paul (1938). *Esquisse d'une Théorie des Émotions*. Paris: Hermann. .
- _____ (1940). *L'Imaginaire*. *Psychologie Phénoménologique de L'Imagination*. Paris: Gallimard.
- _____ (1943). *L'Être et le Néant – Essai d'Ontologie Phénoménologique*. Paris: Gallimard.
- _____ (1947). *Baudelaire*. Paris: Gallimard. Col. Folio.
- _____ (1952). *Saint Genet: Comédien et Martyr*. Paris: Gallimard.
- _____ (1960). *Critique de la Raison Dialectique* (précédé de *Question de Méthode*). Paris: Gallimard.
- _____ (1964). *Les Mots*. Paris: Gallimard. Col. Folio.
- _____ (1965). *La Transcendance de L'Ego. Esquisse d'une Description Phénoménologique*. Paris: J. Vrin.
- _____ (1968). *Situações I*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- _____ (1971). *L'Idiot de la Famille: Gustave Flaubert, de 1821 a 1857*. Paris: Gallimard.
- _____ (1972). *Situations, IX. Mélanges*. Paris: Gallimard.
- _____ (1976). *Situations, X. Politique et Autobiographie*. Paris: Gallimard.
- _____ (1983). *A Náusea*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____ (1986A). *Freud, além da alma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- _____ (1986B). *Mallarmé: la lucidité et sa face d'ombre*. Paris: Gallimard.
- _____ (1987A). *A Imaginação*. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultural. Col. Os Pensadores.
- _____ (1987B). *Sartre no Brasil: A Conferência de Araraquara*. São Paulo: Paz e Terra: UNESP.
- _____ (1989). *O Muro*. São Paulo: Círculo do Livro.
- _____ (1996). *L'Existentialisme est un humanisme*. Paris: Gallimard. Col. Folio.
- SZASZ, T. (1978). *A Fabricação da Loucura*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____ (1979). *O Mito da Doença Mental*. Rio de Janeiro: Zahar.
- SCHNEIDER, Daniela (2002). *Novas Perspectivas para a Psicologia Clínica: um estudo a partir da obra 'Saint Genet: comédien et martyr' de Jean-Paul Sartre*. Tese de Doutorado. São Paulo: PUC/SP.
- VAN DEN BERG, J. , (1981). *O Paciente Psiquiátrico: esboço de psicopatologia fenomenológica*. São Paulo: Mestre Jou.